

Introdução

Rituais Públicos e Alteridade no Império Português *Public Rituals and Otherness in the Portuguese Empire*

A expansão imperial ibérica iniciada no século XV teve como consequência a transformação dos rituais públicos que caracterizavam os mundos ibéricos e a emergência de novas formas de alteridade. Os rituais públicos cumpriram funções importantes na construção e consolidação de comunidades e no desenvolvimento de sentimentos de pertença, mas também nas formas de relacionamento com o tempo (o passado, o presente, o futuro) e o espaço. Em contexto imperial, estas variadas funções tiveram impacto na maneira como se percecionou, concebeu, se integrou e discriminou o que era reconhecido como alteridade. Por um lado, os rituais públicos na Península Ibérica começaram a incorporar representações dos habitantes das diferentes sociedades com os quais os ibéricos passaram a interagir, ou, até mesmo, de pessoas oriundas desses lugares, incluindo embaixadores que participavam em missões diplomáticas. Paralelamente, realizaram-se rituais variados nos lugares nos quais os portugueses passaram a ter domínio político direto ou indireto, ou uma presença física através de fortalezas e feitorias. Complexificaram-se, igualmente, os rituais diplomáticos, dentro e fora da Península Ibérica, já que as negociações com poderes políticos africanos, asiáticos e ameríndios passaram a ocorrer com muita frequência.

O dossier “Rituais Públicos e Alteridade no Império Português” encontra nestes vários tipos e lugares de rituais públicos uma janela privilegiada para investigar a construção de formas de alteridade no império português (séculos XV-XVIII). Os artigos emergem dum colóquio com o mesmo nome realizado em setembro de 2022 na Biblioteca Nacional de Lisboa, organizado no âmbito do projeto “RITUALS - Rituais Públicos no Império Português, 1498-1822”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/HAR-HIS/28364/2017). O dossier reúne ensaios de investigadores de vários países e disciplinas que estudam encontros diplomáticos, rituais políticos e rituais religiosos que ocorreram em diferentes pontos geográficos do império português entre os séculos XVI e XVIII – o reino de Portugal, África, Ásia e Brasil – e as performances que ocorreram durante estes eventos.

O projeto RITUALS e este dossier participam numa longa tradição de investigação dos rituais e da alteridade, uma tradição já presente no período que estudamos. Em tratados como *Omnium Gentium Mores, Leges et Ritus* do alemão Johannes Boemus (1520) ou *Descrição das Terras da Índia Oriental, e dos seus Uzoz, Costumes, Ritos e Leys* do português Duarte Barbosa (1524)¹, os ritos, usos e costumes faziam parte do inquérito sobre os povos do mundo, dando sequência a uma tendência iniciada na antiguidade com os viajantes gregos. A partir do século XV, a experiência imperial ampliou a construção de enciclopédias da alteridade na escrita europeia. O conhecimento dos “outros” através dos seus ritos adquiriu sistematicidade no século XVIII, com a emergência da nova História Natural e de disciplinas dedicadas à recolha de informação e à definição de categorias que as permitissem organizar e analisar de forma comparativa. No século XIX, a palavra ritual – anteriormente utilizada com significados distintos, já que se referia a livros que reuniam ritos litúrgicos – emerge como um conceito e uma categoria analítica, sobretudo associada à religião. Essa categoria permitiu agrupar diferentes ritos e teorizar sobre os seus significados. Juntamente com os mitos, as culturas rituais de diferentes sociedades tornaram-se lugares de análise que possibilitaram comparar a Europa e outros espaços, concorrendo para a classificação das suas diferentes sociedades como selvagens, bárbaras ou complexas. Isso verificou-se tanto entre os que consideravam que havia uma unidade intrínseca na humanidade que permitia estabelecer leis gerais de hierarquização das sociedades, quanto os que argumentavam que a raças diferentes correspondiam culturas rituais distintas – concluindo ambos, porém, que a Europa e os europeus se situavam num estágio civilizacional superior².

Na passagem do século XIX para o século XX, e ao longo deste século, as teorizações sobre o papel dos rituais nas sociedades adquirem um fôlego teórico maior. Desde Arnold Van Gennep, Émile Durkheim, até Norbert Elias, Victor Turner, Clifford Geertz e Erving Goffman, entre outros, o estudo dos rituais na estruturação da sociedade, na criação de identidades sociais e no reforço do poder produziu um volume não quantificável de trabalhos oriundos das diferentes ciências sociais³. Em constante diálogo com estas reflexões, também as análises historiográficas – as quais recorreram a uma multiplicidade de palavras para referir os eventos rituais, incluindo “cerimónias” e “festas” – tenderam, no início, a privilegiar o papel dos rituais na conservação do poder,

¹ BOEMUS 1520; BARBOSA 1946.

² Sobre estes processos, veja-se BELL 2009a e 2009b; PEIRANO 2000; ERIKSEN E NIELSEN 2013. A história traçada neste parágrafo é desenvolvida em XAVIER, no prelo.

³ VAN GENNEP 1909; TURNER 1977 (1969); GEERTZ 1980; ELIAS 1983; KERTZER 1988; BLOCH 1989; GOFFMAN 1959.

na comunicação política entre poder central e poder local, bem como entre aquele e os vários corpos sociais, e também os rituais de natureza cívica e religiosa que ocorreram no espaço europeu⁴. Gradualmente, outros temas foram emergindo, desde o impacto das representações escritas e visuais destes rituais na construção e reprodução de imagens da ordem social e da identidade de variadas comunidades e o seu papel na identificação e fixação de alteridades internas e externas, até os múltiplos significados dos rituais para aqueles que neles participavam, particularmente em contextos coloniais⁵.

A historiografia que incide mais especificamente sobre os espaços da monarquia portuguesa teve cronologias semelhantes, privilegiando, em primeiro lugar, os rituais públicos ocorridos no reino⁶, e, depois, os que ocorreram *extra territorium*, verificando-se, nos últimos anos, um interesse crescente pela diversidade de culturas rituais com as quais os portugueses de então interagiram, tanto em Portugal, quanto nos seus domínios ultramarinos⁷. E se para as experiências rituais que tiveram lugar no Estado da Índia, há um vasto território de investigação por desbravar, o foco nesta dimensão é bem mais expressivo na historiografia dedicada aos rituais das populações de origem africana e ameríndia nos espaços brasileiros⁸.

Cobrindo um horizonte geográfico e cronológico amplo, os textos propostos para integrarem este dossier indagam novas conexões entre rituais públicos e alteridade no império português. Os seis artigos, organizados em duas partes, tratam uma variedade de rituais políticos e religiosos no reino de Portugal, África, Ásia e Brasil entre os séculos XV e XVIII. Exploram quer o modo como é que estes eventos expressaram narrativas de identidade política e social da comunidade de portugueses e da sua relação com aqueles e aquelas que eram identificados como “outros”, quer as múltiplas formas de *agency* dessas pessoas ou grupos que eram identificados como “outros”. Esse duplo olhar permite complexificar os entendimentos historiográficos sobre estes processos, recu-

⁴ Dado o foco deste dossier ser a articulação entre rituais públicos e alteridade, optámos por não referenciar, aqui, a vastíssima bibliografia que existe, para o espaço europeu, em relação a estes problemas.

⁵ VAN DEN HOEK, KOLFF e OORT 1992; ARIAS SCHREIBER 1997; CURCIO-NAGY 2004; OGUNDIRAN e SANDERS 2014; DILLON 2014; CHECA CREMADES e FERNÁNDEZ-GONZÁLEZ 2015; VOIGT 2016. Um dos temas dominantes na identificação das alteridades internas foi a necromancia, sendo disso exemplo MONTER 1983; KIECKEFER 1998; WILSON e SOUTHAN 2000; TIMBERS 2014.

⁶ A bibliografia generalista é vasta e não cabe aqui recensá-la. A título de exemplo, refira-se os estudos seminiais de ALVES 1983; BEBIANO 1987.

⁷ REGA CASTRO e FRANCO LOPPIS 2021.

⁸ Considerem-se, a esse propósito, os estudos publicados em KANTOR e JANCÓS 2001; SOUZA 2002; POMPA 2003; VOIGT 2016; FROMONT 2019; CASTELNAU-L'ÉSTOILE 2019; JÚNIOR 2025. Comparativamente, os estudos que incidem sobre rituais ocorridos no Estado da Índia têm menos fôlego. Ver SANTOS 1999; HSIA 2005; MARTINS 2014; MARCOCCI 2018; PAIVA 2023; XAVIER 2023.

perar as vozes das populações tradicionalmente relegadas para um segundo plano nas análises destes eventos, e localizá-los nos seus contextos próprios, convidando a ter cada vez maiores cautelas metodológicas no momento de generalizar sobre o papel dos rituais públicos na conformação de certos ideários políticos e na construção de enciclopédias de alteridade.

Os artigos que integram a primeira parte analisam rituais públicos ocorridos *extra territorium*, com um texto centrado em rituais políticos e dois focados em rituais religiosos. Esta parte abrange o Atlântico e o Índico, e inicia-se com o texto “Falando ElRey, lhe perguntou da saude d’ElRey’: ritualização diplomática e modernidade política entre a Ásia, África e Portugal (c.1482-1502)” de Zoltán Biedermann. A partir de descrições elaboradas pelos cronistas da época, Biedermann explora a ritualização das interações diplomáticas, as coreografias e os cenários desses momentos centrais para a construção do império português, que também permitiam aos potentados de diferentes formações políticas africanas e asiáticas relacionarem-se com os portugueses. Ao examinar o momento do encontro entre duplas alteridades (as dos “outros” dos portugueses, e a dos portugueses como “outros”), Biedermann mostra como é que estes encontros foram fundamentais para moldar a cultura política imperial portuguesa.

Já no contexto do Oceano Pacífico, e agora com o foco em rituais religiosos, segue-se o texto de David Rivera Mosquera, “Espaços contestados e práticas rituais no Nagasaki da Idade Moderna: o festival de Suwa e a procissão do *Corpus Christi*”. Rivera explora como as procissões religiosas desempenharam um papel central na promoção dos interesses políticos e económicos em Nagasaki, tanto das missões cristãs como do governo anticristão japonês. Dessa forma, mostra como a procissão do *Corpus Christi* foi primeiro acolhida e logo substituída pelo festival de Suwa no período pós-cristão, representando a reinstituição da ordem social após a proibição do cristianismo e o fechamento do país à influência europeia. Esta parte do dossier termina com um regresso às conexões entre o mundo Índico e Atlântico, cerca de três séculos depois dos eventos explorados no ensaio de Zoltán Biedermann, mas também com os rituais religiosos anteriores, mas agora a partir do Atlântico. O enfoque temporal estende-se em “Além de branco e negro: irmandade, festa e alteridade parda no Brasil colonial,” onde Miguel A. Valerio analisa uma festa pública para celebrar o Beato Gonçalo Garcia em 1745 no Recife, Pernambuco. A festa foi organizada por irmandades religiosas de pardos, pessoas de ascendência mista, tal como o Beato Gonçalo Garcia, filho de pai português e mãe indiana nascido em Vasai, Índia. Valerio mostra como a festa serviu como forma de celebrar a identidade parda dos irmãos – uma identidade que desafia a redução de alteridade à dualidade branco-negro e nos convida a repensar as identidades coloniais.

A segunda parte privilegia as representações, a presença e a *agency* de “outros” em eventos rituais que tiveram lugar, sobretudo, no reino de Portugal. O estudo de Lisa Voigt, “A representação de reis estrangeiros nas festas reais portuguesas, s. XV-XVII”, centra-se na representação de reis de povos distantes em várias festas públicas celebradas em Lisboa entre os séculos XV e XVII. Nesses contextos, o ato da rendição à soberania portuguesa e à religião cristã, muitas vezes encenada por um rei ou o seu representante, era suposto assinalar a inferioridade e subordinação de “outros” reinos distantes e diferenciados. No entanto, o artigo analisa casos em que a encenação da alteridade na festa excede ou interrompe essa função. Voigt presta atenção particular às dimensões visuais e auditivas da performance para mostrar como a presença e os movimentos corporais dos atores às vezes complicam as mensagens de inferioridade e subordinação.

Rodrigo Bentes Monteiro, Lucas Gomes Ferreira e Cristina Fernandes são os autores dos restantes ensaios, debruçando-se sobre as representações da alteridade em contextos mais rotineiros, como os vilancicos cantados no ciclo litúrgico natalício na Capela Real de Lisboa, e as danças realizadas no âmbito das festividades do *Corpus Christi* e em festas reais. Em “Presépios de várias vozes: vilancicos na Capela Real de Lisboa, 1640-1716”, Bentes Monteiro e Ferreira exploram de que maneira é que o tema da alteridade surge nos impressos dos vilancicos cantados no Natal e no Dia de Reis. Nos textos cantados em várias línguas nesse espaço central do poder régio, simulavam-se danças de camponeses, pastores, galegos, ciganos, negros, índios e mouriscos, mostrando como é que a alteridade (que incluía dimensões corriqueiras de exotismo) se fazia presente em rituais ordinários, como eram as festas de Natal e de Reis. O impacto que a rotina e a repetição tópica terá tido na estruturação de uma memória cortesã sobre a alteridade replicava-se noutras performances associadas a procissões e celebrações da corte portuguesa, como é o caso dos “bailes”, modalidades de teatro breve que incorporavam música e dança. No estudo ““Bailes”, Danças e Contradanças nas narrativas dos rituais públicos: alteridades nas representações musicais e coreográficas ao longo do século XVIII”, Cristina Fernandes explora a disseminação de determinadas imagens de alteridade em diversas geografias (sobretudo do reino de Portugal, mas também no Brasil) a partir da análise da incorporação de danças realizadas por grupos etnicamente diversos ou por brancos mascarados que as recriavam de forma idealizada ou mesmo caricatural. À semelhança dos vilancicos, as danças e contradanças de Fernandes imprimiam na memória estas imagens de alteridade de uma forma possivelmente ainda mais eficaz, pois interpelavam vários sentidos, potenciando o modo como estas eram “incorporadas”. De-

monstra-se ainda que as componentes exóticas representativas das alteridades associadas a determinadas danças e às respetivas sonoridades musicais foram permeáveis a tentativas de europeização ao longo do século XVIII e deram por vezes origem a processos de hibridização.

No início desta introdução afirmámos que a expansão ibérica iniciada no século XV tinha contribuído para a transformação dos rituais públicos realizados nessa altura e para a emergência de novas formas de alteridade. Agora, e em jeito de conclusão, queremos sublinhar que, quando olhamos para as práticas rituais ocorridas entre os séculos XV e XVIII no contexto global do império português, com um enfoque particular nos textos que constituem este dossier, se torna muito evidente que a interpretação meramente funcionalista dos rituais como ferramentas que permitiram a conformação de certos ideários políticos, a coesão, o controlo social, e a construção de enciclopédias de alteridade, é insuficiente. Se, por um lado, os casos aqui discutidos confirmam a dimensão programática de vários rituais e o seu papel na produção e disseminação mais ou menos intencional de categorias de alteridade; por outro, eles restituem a estes eventos a complexidade e instabilidade inerente à sua realização, dando conta das estratégias de contestação, competição e hibridização, de irrupção de alteridades nem sempre desejadas, bem como de adaptação do poder imperial português a novas situações rituais. Assim sendo, os seis artigos deste dossier contribuem não apenas para discutir o papel dos rituais nas sociedades da época moderna e na formação de linguagens de alteridade, mas também para inquirir múltiplas dimensões da *agency* das populações sob domínio imperial português, nem sempre fáceis de identificar. Em particular, e reforçando o que tem vindo a ser demonstrado nos últimos anos pela historiografia, os eventos rituais podiam constituir-se como lugares de apresentações alternativas de identidades, de exercício de micro-liberdades, e até mesmo de contestação da ordem protocolar dominante.

Bibliografia

- ALVES, Ana Maria (1983). *As entradas régias portuguesas: uma visão de conjunto*. Lisboa: Livros Horizonte.
- ARIAS SCHREIBER, Rosa Maria Acosta (1997). *Fiestas coloniales urbanas: (Lima-Cuzco-Potosí)*. Lima: Otorongo Producciones.
- BARBOSA, Duarte (1946). *Livro em que dá relação do que viu e ouviu no Oriente*. Lisboa: Agência Geral das Colónias.
- BEBIANO, Rui (1987). *D. João V: Poder e espectáculo*. Aveiro: Livraria Estante.
- BELL, Catherine (2009a, 1992). *Ritual theory, ritual practice*. New York: Ox-

- ford University Press.
- BELL, Catherine (2009b, 1997). *Ritual: perspectives and dimensions*. New York: Oxford University Press.
- BLOCH, Maurice (1989). *Ritual, History and Power: Selected Papers in Anthropology*. s.l. : Athlone Press.
- BOEMUS, Johannes (1520). *Omnium Gentium Mores, Leges et Ritus*. s.l.: S. Grimm & M. Wirsung.
- CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte (2019). *Un Catholicisme colonial. Le mariage des Indiens et des esclaves au Brésil, XVIe-XVIIIe siècle*. Paris: Puf.
- CHECA CREMADES, Fernando e FERNÁNDEZ-GONZÁLEZ, Laura, eds. (2015). *Festival Culture in the World of the Spanish Habsburgs*. Dorchester: Ashgate.
- CURCIO-NAGY, Linda A. (2004). *The Great Festivals of Colonial Mexico City: Performing Power and Identity*. Mexico City: UNM Press.
- DILLON, Elizabeth Maddock (2014). *New World Drama: The Performative Commons in the Atlantic World, 1649–1849*. Durham: NC: Duke University Press.
- DURKHEIM, Émile Durkheim (1912). *Les Formes Élémentaires de la vie Religieuse. Le Système Totémique en Australie*. Paris: Librairie Félix Alcan.
- ELIAS, Norbert (1983). *The Court Society*. New York: Pantheon.
- ERIKSEN, Thomas Hylland e NIELSEN, Finn Sivert (eds.) (2013). *A History of Anthropology*. London: Pluto Press. 2nd edition.
- FROMONT, Cécile (ed.) (2019). *Afro-Catholic Festivals in the Americas: Performance, Representation, and the Making of Black Atlantic Tradition*. University Park, PA: Penn State University Press.
- GEERTZ, Clifford (1980). *Negara. The Theatre State in Nineteenth Century Bali*. Princeton: Princeton University Press.
- GOFFMAN, Erving (1959). *The Presentation of Self in Everyday Life*. New York: Doubleday.
- HSIA, Ronnie Po-chia (2005). “From Buddhist Garb to literati Silk: Costume and Identity of the Jesuit Missionary”, in José Pedro Paiva (ed.), *Religious Ceremonials and Images (1400-1750). Power and Social Meaning*. s.l.: Palimage.
- JÚNIOR, Almir Diniz de Carvalho (2025). *Índios cristãos: a conversão dos gentios na Amazônia portuguesa (1653-1769)*. Tese de Doutorado. Campinas, SP: Unicamp.
- KANTOR, Iris e JANCSÓ, Istvan (eds.) (2001). *Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. 2 vol. São Paulo: Hucitec.
- KERTZER, David L. (1988). *Rituals, politics and power*. New Haven: Yale University Press.

- KIECKEFER, Richard (1998). *Forbidden Rites: A Necromancer's Manual of the Fifteenth Century*. University Park, P.A.: Penn State University Press.
- MARCOCCI, Giuseppe (2018). "Rites and Inquisition: Ethnographies of Error in Portuguese India (1560-1625)", in Ines G. Županov e Pierre-Antoine Fabre (eds.), *The Rites controversies in the early modern world*. Leiden: Brill, 145-163
- MARTINS, Nuno Gomes (2014). *Império e Imagem. A construção do vice-rei nos tempos de D. João de Castro*. Dissertação de doutoramento policopiada. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- MONTER, E. William (1983). *Ritual, Myth and Magic in Early Modern Europe*. Herts: Harvester Press.
- OGUNDIRAN, Akinwumi e SANDERS, Paula (eds.) (2014). *Materialities of Ritual in the Black Atlantic*. Bloomington: Indiana University Press.
- PAIVA, José Pedro (2023). "Public Rituals with the Intervention of Juan de Albuquerque, First Bishop of Goa Resident in Asia. Languages of Transference or Accommodation?". *Revista Brasileira de História*, 43, 92, 1-17.
- PEIRANO, Mariza G. S. (2000). "The Anthropological Analysis of Rituals". *Série Antropologia*, 272, 2-34.
- POMPA, Cristina (2003). *Religião como Tradução. Missionários, Tupi e Tapuia no Brasil Colonial*. São Paulo: EDUSC.
- REGA CASTRO, Iván e FRANCO LLOPIS, Borja (eds.) (2021). *Imágenes del islam y fiesta pública en la corte portuguesa: De la Unión Ibérica al terremoto de Lisboa*. Gijón: Ediciones Trea.
- SANTOS, Catarina Madeira (1999). "Goa é a chave de toda a Índia": perfil político da capital do Estado da Índia (1505-1570). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- SOUZA, Marina de Mello e (2002). *Reis negros no Brasil escravista: História da festa de coroação do rei do Congo*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais.
- TIMBERS, Frances (2014). *Magic and Masculinity: Ritual Magic and Gender in the Early Modern Era*. London: Bloomsbury Academic.
- TURNER, Victor (1977, 1969). *The ritual process: structure and anti-structure*. New York: Cornell University Press.
- VAN DEN HOEK, Albert W.; KOLFF, Dirk H. e OORT, M.S. (eds.) (1992). *Ritual, State, and History in South Asia: Essays in Honour of J.C. Heesterman*. Leiden: Brill.
- VAN GENNEP, Arnold (1909). *Les Rites de Passage*. Paris: Nourry.
- VOIGT, Lisa (2016). *Spectacular Wealth: The Festivals of Colonial South American Mining Towns*. Austin: University of Texas Press.

- WILSON Stephen e SOUTHAN, B.C. (eds.) (2000). *The Magical Universe: Everyday Ritual and Magic in Pre-modern Europe*. London-New York: Hambledon.
- XAVIER, Ângela Barreto (2023). “In and beyond the Portuguese Empire: Coping with marriage ritual diversity in early modern Goa”, in Sophie Rose and Elisabeth Heijmans (eds.), *Diversity and Empires Negotiating Plurality in European Imperial Projects from Early Modernity*. London: Routledge, 33-54.
- XAVIER, Ângela Barreto (forthcoming). “Rituals, Ceremonies, Festivals”, in António Camoes Gouveia, Federico Palomo e Laura Fernández-González (eds.), *Public Rituals in the Portuguese Empire, 1498-1822*. Londres: Routledge.

ÂNGELA BARRETO XAVIER

Universidade de Lisboa, ICS

angela.xavier@ics.ul.pt

<https://orcid.org/0000-0002-4367-6647>

LISA VOIGT

Yale University

lisa.voigt@yale.edu

<https://orcid.org/0000-0002-3406-5182>

